

# Introdução à Antropologia Bíblica: Vestimentas

por Angela Bouma

Abril de 2024

Aproveitando a liberdade de explorar tópicos diferentes, resolvi fazer um breve estudo sobre vestimentas na Bíblia.

No começo da história bíblica já se nota uma referência sobre as primeiras roupas que Adão e Eva usaram. A primeira foi feita com folhas de plantas. Depois de cometerem desobediência, “Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo-se nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si”. (Gênesis 1.7). Então esta primeira roupa serviu para **cobrir** a vergonha.

Deus lhe perguntou “Quem te fez saber que estavas nu?”. (Gênesis 1.11).

Deus, depois de confrontar o casal, “Fez o Senhor vestimenta de peles para Adão e sua mulher e os vestiu”. (Gênesis 1.20). Esta vestimenta custou a vida de um animal. Sangue foi derramado. Houve um sacrifício. Esta vestimenta serviu para **cobrir** a culpa do casal.

Embora outras roupas não sejam mencionadas nos primeiros capítulos de Genesis, parece que vestimentas fizeram parte dos acessórios dos homens e das mulheres desde o início.

Na história do encontro do servo de Abraão com Rebeca, que era uma “moça mui formosa de aparência”, depois dela ter dado água para seus camelos, aquele servo deu para Rebeca um pendente de ouro e duas pulseiras para as mãos dela e o peso de dez siclos de ouro. (Gênesis 24.22). Serviu como um gesto de agradecimento.

Ainda, depois dele explicar o objetivo de sua visita, isto é, achar uma esposa para Isaque, filho de seu senhor, o pai e irmão de Rebeca concordaram com o casamento. O servo de Abraão “tirou jóias de ouro e de prata e vestidos e os deu a Rebeca e também deu ricos presentes a seu irmão e mãe.” (Gênesis 24.53). Serviu este presente como pagamento pela noiva?

Quando Rebeca foi chegando próximo ao local em que Isaque estava, ela perguntou ao servo quem era o homem que ia ao encontro dela. Quando ele respondeu que era o noivo, “Então, tomou ela o véu e se cobriu”. (Gênesis 24:65). O véu foi um sinal de modéstia.

Jacó, quando foge da presença de seu irmão, tem uma visão de uma escada onde ele recebeu uma revelação de Deus. Nesta visão ele recebe a confirmação das promessas que Deus tinha feito para Abraão também seriam suas. (Gênesis 28:10-17).

Jacó entendeu que Deus estava presente naquele lugar. Então ele erigiu um monumento para marcar aquele lugar e deu o nome de Betel. Depois disso ele fez um voto dizendo: “Se Deus for comigo, e me guardar nesta jornada que empreendo, e me der pão para comer e roupa que me vista, ...de tudo que me concederes, certamente eu te darei o dízimo”. (Gênesis 28.20-22).

A roupa já se tornou uma necessidade tão importante quanto à comida.

Mais tarde, “Jacó amava mais a José que a todos os filhos, porque era filho da sua velhice e fez-lhe uma túnica talar de mangas compridas.” (Gênesis 37.3) Esta roupa representou predileção do pai pelo filho mas também causou ciúmes para os irmãos de José.

Por causa do ciúme, os irmãos conspiraram em tirar a vida de José, mas depois resolveram vendê-lo como escravo. Quando José se aproximou dos irmãos, eles “despiram-no da túnica, a túnica talar de mangas compridas que trazia, e o lançaram numa cisterna, vazia, sem água. Logo depois o venderam por vinte siclos de prata, para uma caravana de ismaelitas, que o levaram para o Egito”. (Gênesis 37.28).

Os irmãos, tomaram a túnica de José, mataram um bode e a molharam no sangue e a levaram para o velho pai. O pai rasgou suas próprias vestes e lamentou a perda do filho por muitos dias. (Gênesis. 37.32-34). A túnica de José representou ódio dos irmãos e a mentira que disseram ao pai.

Em Gênesis 38, temos a história de Judá e Tamar. Quando Tamar, a nora de Judá, se tornou viúva, ela esperou que seu sogro lhe desse um dos filhos em casamento, mas como isso não aconteceu “ela despiu as vestes de sua viuvez, e, cobrindo-se com um véu, se disfarçou... Vendo-a Judá, teve-a por meretriz, pois ela estava de rosto coberto”. Esta vestimenta de Tamar simbolizou para ela justiça alcançada.

No Egito, José foi trabalhar como mordomo na casa de um rico egípcio chamado Potifar. Tudo ia bem até que a mulher de Potifar tentou seduzí-lo. Ela o pegou pelas vestes, quando ele a resistiu e fugiu dela, ela ficou com as vestes dele em suas mãos. As vestes de José nas mãos da mulher de Potifar lhe custou a reputação e liberdade. (Gênesis 39).

Alguns séculos depois quando o tabernáculo foi construído, os sacerdotes que iriam ministrar no tabernáculo, receberam instruções específicas quanto às vestes que deveriam usar. (Êxodo 39).

Sem entrar em detalhes, as vestes eram feitas de linho e ornamentadas com pedras preciosas.

As vestes representavam consagração para o serviço sacerdotal.

Séculos depois, Elias, o profeta de Deus não entendia bem de "fashion". Ele foi descrito em 2 Reis 1.8: "Era um homem vestido de pêlos, com os lombos cingidos dum cinto de couro. Então disse ele: É Elias, o tesbita". Parece que esta moda foi replicada séculos mais tarde por João Batista: "Usava João vestes de pêlos de camelo e um cinto de couro; sua alimentação eram gafanhotos e mel silvestre". (Mateus 3:4). Estas vestes representavam uma vida austera, sem luxo, em simplicidade, própria para um profeta cuja preocupação é ser somente mensageiro de Deus.

Isaias 3.16-24, descreveu, condenando, os adornos que as mulheres da classe alta de Judá usavam: enfeites dos anéis dos tornozelos, e as toucas, ornamentos em forma de meia lua; os pendentes, braceletes, véus esvoaçantes, caixinhas de perfumes, sinetes, jóias pendentes do nariz, vestidos de festa, os mantos, os xales e as bolsas, os espelhos, as camisas finíssimas, os atavios de cabeça e os véus grandes. Todo este luxo representa as prioridades que não estão alinhadas com as prioridades de Deus.

A rainha Ester, na corte do rei Assuero, se aprontou com seus trajes reais para alcançar uma audiência com o rei (Ester 5.1). A vestimenta foi usada para fins políticos.

Destacando as vestimentas de Jesus: Ele teve muitos trajes: ao nascer foi enfaixado em panos e colocado numa manjedoura. (Lucas 2.7).

Sua túnica possuía poder (?). Uma mulher que sofria fluxo de sangue por muitos anos, acreditava que se ela tocasse na orla da túnica de Jesus, seria curada. (Mateus 9.19-22). Quando Jesus estava em Genesaré, os homens da região trouxeram seus enfermos. "Todos os que tocaram a orla da túnica de Jesus foram curados". (Mateus 14.34-36).

Jesus, quando celebrou sua última ceia com seus discípulos, "levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima, e tomando uma toalha, cingiu-se com ela". (João 13.4). Esta toalha, a veste mais simples que Jesus usou, foi um símbolo de serviço ao próximo para ser imitado pelos seus discípulos.

Durante a paixão de Jesus, ele foi entregue aos soldados romanos que "Despojando-o das vestes, cobriram-no com um manto escarlate". (Mateus 27.28). Este foi o manto da desonra.

Antes de colocarem Jesus na cruz suas vestimentas foram tiradas; "Então, o crucificaram e repartiram entre si as vestes dele, lançando-lhes sorte, para ver o que levaria cada um". (Marcos 15.4).

Jesus, na cruz, despido de qualquer vestimenta, voltou ao status do primeiro Adão antes do pecado.

A humilhação de Jesus foi a restauração do primeiro homem e seus descendentes.

E por fim, aos fiéis: “Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas. O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do livro da vida” (Apocalipse 3.4-5). Estas pessoas são dignas porque permaneceram puras num meio pecaminoso. Elas foram fiéis até o fim.

Quando nós temos a vida em Cristo como prioridade, nós também usaremos roupas brancas!

Jesus nos exortou quanto à ansiedade da vida: “Por que andais ansiosos quanto ao vestuário?”

“Portanto não vos inquieteis dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos?” “Buscais, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas.” (Mateus 5.28, 31, 33)

Nota: Bíblia João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada no Brasil, 2ª. Ed. Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.